

Revisão sistemática sobre intervenções escolares em educação sexual

ET 12 - Educação em Sexualidade Desenvolvimento Humano:
Pesquisas, Teorias e Práticas

Maria Lygia Alexandre Correia¹
Willame Anderson Simões Rebouças²
George Miguel Thisoteine³
Ana Cláudia Bortolozzi⁴

RESUMO

Esta pesquisa analisa o andamento de produções científicas que tratam sobre intervenções escolares sobre gênero e sexualidade no período entre 2018 a 2021. Para tal, tomou-se a construção de uma Revisão Sistemática de Literatura no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), filtrando trabalhos completos sobre o tema. Dos 214 artigos retornados, 12 foram duplicados, 198 foram excluídos por não estarem em conformidade com os critérios de análise e 4 foram incluídos. Após análise dos materiais encontrados, considerou-se que ainda há poucas mobilizações para trabalhar sobre gênero e sexualidade em espaços escolares, como também carência na produção de artigos científicos na área.

Palavras-chave: Gênero. Sexualidade. Práticas. Escola.

INTRODUÇÃO

A proposta deste estudo levantou-se a partir de discussões sobre o cenário político e educacional brasileiro dos últimos 4 anos, onde, cada vez mais, sujeitos em minoria têm

¹ Mestranda do programa de pós-graduação em Educação para a Ciência pela UNESP - FC de Bauru - SP, lygia.correia@unesp.br;

² Graduando de Licenciatura em Pedagogia pela UERN, FE de Mossoró - RN, willameanderson@gmail.com;

³ Mestrando do programa de pós-graduação em Educação Sexual pela UNESP - FCLAr de Araraquara - SP, george.thisoteine@unesp.br;

⁴ Livre-Docente e professora do Departamento de Psicologia da UNESP - FC de Bauru - SP, claudia.bortolozzi@unesp.br;

sido postos à margem da sociedade por conta de suas diferenças. Desse modo, entendendo a desigualdade que circula entre os recortes étnico-raciais, de classe, gênero, da sexualidade e demais marcadores sociais, a justificativa desta investigação nasce com intuito de ampliar os conhecimentos e as discussões com relação às questões de gênero e sexualidade no âmbito educativo, bem como a propagação destas entre os espaços escolares.

A tela nacional, cada vez mais, é pintada pelo povo, pela diversidade cultural e pelas diferenças entre os sujeitos. Furlani (2016), autora importante nos estudos sobre educação sexual, nota a importância dos debates sobre gênero e sexualidade para promover uma visibilidade positiva com relação a parcelas minoritárias da sociedade, como, negras, negros, homossexuais, travestis, feministas, indígenas e tantos outros corpos que, diariamente, enfrentam as mais horrendas sugestões de preconceito tangidas pela sociedade.

Dessa forma, o zelo e o olhar para com as subjetividades de cada um(a) colaboram na construção de uma sociedade mais acolhedora, sobretudo, tomando que cada um vivencia a realidade da sua própria forma e com suas próprias impressões acerca dela (BOSCHI, 2007). No âmbito dos espaços educacionais, esses cuidados também revelam um grande valor, pois, é ali o primeiro momento de inserção social dos sujeitos no mundo, e em vista disso, as vivências construídas nesse espaço trarão significados para toda a vida dos(as) alunos(as). Nesse sentido, o trabalho buscou investigar como as práticas e intervenções no ambiente escolar que abordam educação sexual, gênero e orientação sexual têm sido realizadas no Brasil recentemente.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A metodologia aqui utilizada pautou-se na Revisão Sistemática de Literatura (RSL), proposta por Kitchenham (2004), que consiste em um método de investigação científica específico, tendo como objetivo reunir, avaliar criticamente e conduzir a uma síntese dos resultados de estudos primários referentes a um tópico relacionado (BIOLCHINI *et al.*, 2005).

A base de dados escolhida foi o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por ser uma base que contém um grande número de trabalhos que contextualizam o atual cenário brasileiro. Optou-se por averiguar somente artigos em português, publicados no período de 2018 a 2021, em

vista a averiguar como nesse momento histórico de retrocessos em relação às políticas de diversidade e igualdade de gênero encontra-se a produção técnica de artigos.

Após reflexão, as palavras-chaves elencadas foram: educação sexual, orientação sexual, identidade sexual e educação escolar. Considerou-se práticas escolares como toda aquela relacionada ao ambiente escolar, tendo como alvo professores ou alunos, e que seja passível de reflexão. Para esta pesquisa, o foco foram as práticas enquanto uma intervenção em ambiente escolar, cujo público alvo eram alunos. Como critério de inclusão, tais intervenções deveriam ser voltadas para uma prática que relacionassem reflexões sobre gênero e identidade sexual, podendo estas ser palestras, oficinas, dinâmicas coletivas, aulas e/ou aplicação de sequências didáticas ou afins.

A *string* de busca foi aplicada no mês de junho de 2022, junto ao Portal de Periódicos CAPES, utilizando-se do acesso a Comunidade Acadêmica Federada (CAFe), que consiste em conteúdo exclusivo para discentes vinculados a instituições participantes. Nos foi retornado um total de 214 artigos, estes, foram exportados em formato RIS para o Rayyan, um aplicativo online gratuito, que permite a sistematização destes resultados. Dos 214 artigos retornados, 12 eram duplicados, 198 foram excluídos por não estarem em conformidade com os critérios de inclusão e 4 foram incluídos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da leitura e extração de componentes sobre: introdução (elementos teóricos e históricos que fundamentam as pesquisas), metodologia (delineamento) e resultados e discussão os artigos foram divididos em três abordagens sobre as práticas em educação sexual (FURLANI, 2016): direitos humanos, direitos sexuais e emancipatória. A seguir são apresentadas os respectivos artigos e as considerações críticas sobre o seu desenvolvimento:

O primeiro artigo, “A educação para sexualidade e seus aspectos científicos e socioculturais” (FERNANDES; LORENZETTI, 2021), apresenta uma prática realizada no espaço escolar com o intuito de promover a educação para a sexualidade favorecendo que os jovens adultos tornem-se conscientes e responsáveis sobre os próprios corpos, sobre o corpo do outro, valorizando e exercendo os direitos sexuais. Foram realizados sete encontros, com uma turma do quinto ano.

Os resultados correspondem aos conteúdos específicos abordados: corpo humano, aspectos reprodutivos, fases da vida humana, puberdade, amadurecimento de órgãos sexuais, fecundação, gravidez, prevenção e proteção do corpo, infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), métodos contraceptivos e preservativos, higiene corporal e abuso sexual. Ainda, segundo as autoras as discussões permitiram abordar: respeito às diferenças, e crenças e tabus acerca da sexualidade.

Esse artigo enfatiza o desenvolvimento de autoconhecimento e práticas de autocuidado em relação ao corpo e a sexualidade; além disso, reforça os objetivos das intervenções na promoção de uma cultura de respeito e tolerância no grupo escolar, o que para Furlani (2016) se enquadra em uma perspectiva de *Abordagem de Direitos Humanos*.

O segundo artigo, “Dança” (KROPENISCKI; KUNZ, 2020), foi elaborado a partir da compreensão do espaço do dançar como meio formativo e educativo privilegiado, pois pode ser tanto meio de formação como de transição do brincar para as interações da vida adulta. Nesse sentido, o trabalho buscou trabalhar com estudantes entre 11 e 16 anos, que voluntariamente participaram do projeto na escola. A pesquisa foi construída a partir dos registros de experiências, reflexões sobre o material utilizado, sínteses e interpretações críticas tanto das experiências como do processo de docência desenvolvido, discutindo principalmente questões sobre timidez e vergonha desenvolvidas na transição da infância para a adolescência.

Acerca dos relatos, as autoras mencionam o processo de crise e de construção de uma autoimagem corporal. As identidades e diferenças são impostas e produzem marcas nos indivíduos, como as diferenças entre meninos e meninas, porém o artigo não discute diretamente a questão de gênero. No lugar disso, enfatiza a existência do preconceito que existe e é reiterado pela sociedade e reproduzido pelos estudantes. Feminilidades e masculinidades, então, foram questionadas de forma direta de modo a permitir que os adolescentes pudessem refletir e desconstruir padrões de gêneros e sexualidade por meio de discussões e movimentos sobre suas vivências.

O artigo explicita pouco o aspecto descritivo dos resultados registrados das práticas desenvolvidas, dando maior ênfase para a síntese teórica das experiências. Desta maneira, é possível direcionar a ideia principal do artigo com base na *Abordagem*

de *Direitos Humanos*, quando as autoras narram que as aulas eram pensadas trazendo a dança de maneira desafiadora, de modo a evidenciar preconceitos de gênero relacionados à dança e levando a um distanciamento dos preconceitos, sendo este um marco da Abordagem de Direitos Humanos, segundo Furlani (2016).

No terceiro artigo, “Oficina de saúde e sexualidade” (FERREIRA; PIAZZA; SOUZA, 2019), a intervenção ocorreu por meio de reuniões mensais, com objetivo de promover discussões de demandas previamente levantadas pela escola. Essas reuniões foram nomeadas como “Grupo de Escuta”. O modelo adotado para a abordagem dos adolescentes foi das oficinas, pois esse tipo de encontro apresenta proposta de aprendizagem compartilhada, que permitiu dinâmicas e discussões em grupo. Foram desenvolvidos oito encontros com jovens do 8º ano dos períodos. As oficinas adotaram temas que contemplavam as propostas das Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens na Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde, utilizando-se de materiais audiovisuais, de recursos lúdicos e materiais de produção para escrita dos participantes.

Os temas abordados foram: a cultura do machismo, anatomia e fisiologia dos sistemas reprodutores masculino e feminino; ISTs, gravidez na adolescência, relações e conflitos familiares, métodos contraceptivos, orientação sexual e identidade de gênero e projeto de vida. Além disso, os pesquisadores observaram as percepções dos jovens, seus conhecimentos e estranhamentos sobre os temas de relações sexuais, gravidez na adolescência, orientação sexual e identidade de gênero.

Esse artigo corresponde a *Abordagem dos Direitos Sexuais*, uma vez que trata da desconstrução e formação de novos paradigmas alinhados aos direitos sexuais e reprodutivos, base para documentos que fundamentaram a prática das oficinas. Enfatiza conceitos que revelam problemáticas sociais ligadas à saúde e ao adoecimento da mulher, como machismo e conflitos familiares, mas também inclui discussões sobre diversidade e igualdade como bases para reflexão na formação dos indivíduos e das relações de grupo.

Apesar das abordagens de *Direitos Humanos* e a de *Direitos Sexuais* não proporem mudanças sobre o meio como forma de reorganizar as subjetividades e a cultura vigente, assim, como enfatizam Maia e Ribeiro (2011) podem ser muito pertinentes para a promoção de políticas públicas em áreas da educação, saúde, igualdade de gênero e programas específicos em educação sexual.

O quarto artigo, “Gênero e equidade na escola de campo” (SAMPAIO; GRITTI, 2021), buscou levar a temática de gênero na escola, com intuito de discutir equidade de direitos, o respeito às diferenças e abordar outros temas complexos da vida cotidiana sistematizados no mundo acadêmico. Para promover as discussões formativas sobre a questão de gênero na escola foram realizados quatro seminários com turmas da manhã, e um seminário com a participação dos professores, funcionários, direção e coordenação pedagógica, com duração média de duas horas cada.

Optou-se por enquadrar este artigo na perspectiva emancipatória, conforme proposto por Furlani (2016), visto que esta possibilita uma intervenção intencional que busca desalojar certezas. Considera-se que o trabalho permitiu a reflexão crítica sobre o conteúdo recebido pelos participantes, bem como trouxe fomento para uma possível desconstrução de si. Nas discussões foram propostas atividades que levaram os sujeitos a refletirem e produzirem materiais sobre diversos temas: divisão de gênero do trabalho, relacionamentos, relações de gênero e poder, gravidez, empoderamento das mulheres e patriarcado, orientação sexual, identidade de gênero, sexo biológico, como a maneira de se vestir e comportar se relaciona com o gênero. Na abordagem emancipatória, a construção da cidadania se inicia na formação da identidade, questionar-se sobre “quem sou eu” é uma das etapas que a desconstrução deve proporcionar. No artigo, os autores suscitam essas reflexões por meio da pergunta “como tu te enxergas?”, sendo um potente aliado para a emancipação do sujeito.

Ressalta-se ainda, que a intervenção foi realizada com a participação da comunidade escolar, trazendo a visão de escola enquanto espaço político de ação transformadora da realidade, que também é condizente com uma *Abordagem Emancipatória* da Educação Sexual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se dizer sobre as intervenções escolares, que enfatizam identidades sexuais e orientação sexual na área de educação sexual, nos últimos 4 anos apresentam-se na literatura técnica de artigos acadêmicos com baixa expressão. Tendo em vista que no universo de 214 artigos, apenas 4 se encaixaram nos critérios de trabalharem com intervenções que abordassem ao mesmo tempo identidades sexuais e orientação sexual. No entanto, seria necessário expandir os resultados encontrados para outras combinações de levantamento, onde poderiam ser comparadas pesquisas que trabalhassem apenas

intervenções com orientação sexual, ou identidades sexuais ou gênero. Desse modo, poderiam ser rastreados resultados omitidos, duplicados e específicos para cada uma dessas subáreas.

Com relação às produções encontradas, foi notado que as intervenções apresentadas entre os 4 artigos alinham-se às práticas que buscam trazer aspectos formativos e informativos para os indivíduos e os grupos escolares. Elas condizem com práticas que, para além de resgatarem conceitos científicos sobre a sexualidade e suas questões, permitiram expressões da sexualidade por parte dos jovens e das crianças. Nesse sentido, pode-se considerar como um aspecto progressista do ambiente acadêmico que as intervenções encontradas se enquadrem em abordagens de *Direitos Humanos, Direitos Sexuais e Emancipatória*.

REFERÊNCIAS

BOSCHI, C. C. *Por que estudar História?* São Paulo: Ática, 2007.

BIOLCHINI, J. et al. Systematic review in software engineering. System engineering and computer science department COPPE/UFRJ, Technical Report ES, v. 679, n. 05, p. 45, 2005. Disponível em: <https://www.cos.ufrj.br/uploadfile/es67905.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2022.

FERREIRA, I. G.; PIAZZA, M.; SOUZA, D. Oficina de saúde e sexualidade: Residentes de saúde promovendo educação sexual entre adolescentes de escola pública. *Rev Bras Med Fam Comunidade*, v. 14(41), p.1-11, 2019. Disponível em: [https://doi.org/10.5712/rbmfc14\(41\)1788](https://doi.org/10.5712/rbmfc14(41)1788). Acesso em: 21 jul. 2022.

FERNANDES, F.; LORENZETTI, L. A educação para a sexualidade e seus aspectos científicos e socioculturais: uma abordagem nos anos iniciais. *Investigações em Ensino de Ciências*, V26 (2), p.254-270, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22600/1518-8795.ienci2021v26n2p254>. Acesso em: 21 jul. 2022.

FURLANI, J. *EDUCAÇÃO SEXUAL NA SALA DE AULA*: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

KITCHENHAM, B.. Procedures for performing systematic reviews. Keele, UK, Keele University, v. 33, n. 2004, p. 1-26, 2004. Disponível em: <https://www.inf.ufsc.br/~aldo.vw/kitchenham.pdf> Acesso em: 21 jul 2022.

KROPENISCKI, F. B.; KUNZ, E. Dança: caminho de possíveis (re) encontros com o brincar e se-movimentar. *Movimento*, v.26, p.e26089, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.100260>. Acesso em: 21 jul. 2022.



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Educação sexual: princípios para ação. *Doxa* 15.1: 75-84, 2011.

SAMPAIO, E. S.; GRITTI, S. M. Gênero e equidade na escola de campo. *Periferia*, v.13, n. 2, p. 250-274, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/periferia.2021.55177>. Acesso em: 21 jul. 2022.